

CORRENDO ATRÁS DA PROSPERIDADE: TRABALHO E EMPREENDEDORISMO ENTRE FIÉIS NEOPENTECOSTAIS

Wania Amélia Belchior Mesquita
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Resumo. Tendo como pano de fundo as mudanças ocorridas no cenário religioso brasileiro nas últimas décadas, este artigo procura analisar como a Igreja Universal do Reino de Deus estabelece as idéias expressas a partir da Teologia da Prosperidade com a concepção de trabalho, empreendedorismo e ganhos materiais. Através de entrevistas com fiéis, busca-se examinar como os elementos doutrinários orientam a vidas destes adeptos, o modo como interpretam e cumprem as prescrições religiosas e o seu direcionamento para o trabalho e o sucesso.

Palavras-chave: Igreja Universal, teologia da prosperidade, empreendedorismo, trabalho.

Abstract. Having the changes in the Brazilian religious scenario during the last decades as the backdrop, this article seeks to analyze how the Igreja Universal do Reino de Deus establishes the ideas rooted in its Theology of Prosperity with the conception of work, entrepreneurship and material advancement. Based on interviews conducted with followers, I examine how these doctrinal elements affect their lives, how they interpret and abide to these religious precepts, and their approach to work and success.

Keywords: Igreja Universal, theology of prosperity, entrepreneurship, work.

Mãos à obra: a fé no “negócio próprio”

Alguns estudos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus têm apontado que as idéias expressas a partir da Teologia da Prosperidade (Mariano 1996, 2003; Freston, 2003) mostram como fé e bem-aventurança material se vinculam.

A Igreja Universal integra o conjunto das denominações neopentecostais brasileiras, surgidas na década de 1970. Ela foi fundada no estado do Rio de Janeiro, e tem por característica a crença na manifestação do Espírito Santo, o combate às religiões de possessão e a transformação das condições materiais do adepto.¹ A Igreja Universal tem investido nos diversos estratos da sociedade, entretanto, a maioria dos participantes são oriundos das camadas populares. Esses são assistidos na dimensão espiritual e em seus interesses materiais que vão ao encontro da Igreja.

Em suas pregações a Igreja sempre enfatizou aspectos relacionados ao tema da ascensão social. Sua base é a Teologia da Prosperidade, cuja característica é a rejeição da redenção pela pobreza e pelo sofrimento (Freston, 1993; Mariz, 1994, 2000; Mariano, 1995, 1996a, 1996b). A Igreja Universal sustenta um proselitismo religioso que enfatiza que o grande problema do “derrotado” está na atuação das forças do mal em sua vida, e ao se libertar dessa opressão poderá determinar o próprio futuro usufruindo de todas as coisas que uma “vida com abundância” pode proporcionar (Birman, 1998).

O fiel é estimulado a tomar posse da bênção, pois do contrário continuará na derrota e dando “péssimo” testemunho não apenas entre os seus familiares e amigos, mas também no mundo dos negócios. As atividades da Igreja são movidas por palavras de fé, orações, palestras e testemunhos que buscam estimular o início ou a retomada de uma atividade por conta própria ou empresarial. Para tanto, a Igreja oferece aos fiéis o impulso inicial para buscarem uma vida melhor, para desenvolverem novas habilidades, visualizar as oportunidades, coragem para serem inovadores e criativos. Ademais, um outro aspecto me parece interessante: de acordo com estas idéias, não existe limite de idade para os fiéis formularem um “projeto”, ou se lançarem em grandes conquistas. Eles devem definir e investir nos seus sonhos e aspirações, agir e não deixar que, conforme as afirmações ouvidas durante os cultos, a “morbidez que atinge o mundo” os torne fracos e derrotados. Frequentemente os bispos afirmam que “para Deus não há velhos, nem fracos e derrotados”: sendo Deus onipotente, Ele torna, quem quiser, em forte, vitorioso e jovem.

Neste sentido, as idéias e os valores religiosos são, em parte, influenciados pelo grupo social em que surgem. Eles auxiliam os adeptos na (re)definição de suas posições e aspirações. Assim com a finalidade de compreender a relação religião e atividade econômica focalizarei as formas de inserção de fiéis evangélicos no universo do trabalho autônomo (“por conta própria”).

Uma referência no tema é o estudo de Max Weber (1996), no qual relaciona capitalismo e ética religiosa. Para o autor, se o capitalismo foi difundido e universalizado, isso não significa que a racionalidade econômica tenha sido homogeneizada, isto é, não eliminou as especificidades nos diferentes contextos culturais e outras configurações sociais.

A partir das noções indicadas por Weber (1996) e as formulações da Igreja Universal acerca da Teologia da Prosperidade, busca-se compreender certas práticas encontradas entre os adeptos da Igreja Universal. Perguntaria qual a especificidade da religião e da família nos empreendimentos econômicos dos fiéis da Igreja Universal.² Busco conhecer, por um lado, sua relação com a as atividades que desenvolvem e, de outro, alguns dos fatores socioculturais que incidem sobre suas condições de reprodução. Portanto, tento considerar, nas trajetórias ocupacionais daqueles que exercem atividades denominadas “por conta própria”, em que medida as crenças e valores religiosos têm incidido na percepção desses fiéis acerca da situação ocupacional.

Ao estabelecer tais questões e considerando que a Igreja Universal se mostra avessa a abordagens externas – acadêmicas e jornalísticas, precisei estabelecer uma estratégia que possibilitasse a execução da pesquisa.³ Após tentativas que duraram um semestre pude ter acesso a alguns líderes (bispos e pastores) e posteriormente com os fiéis. As entrevistas como os líderes, dois bispos e quatro pastores titulares,⁴ realizadas na Igreja e no local de exercício da função política, possibilitaram informações sobre a elaboração da teologia da Igreja e o seu processo de difusão. Isso facilitou o meu trânsito como pesquisadora no ambiente da Igreja e também o contato com os fiéis – já bastante receptivos. No caso dos fiéis convém destacar, que a maioria foi contactada por meio da apresentação de outros membros da igreja que conheci em pesquisas anteriores. Essas entrevistas foram realizadas em suas residências e locais de trabalho.

Utilizei, ainda, observações de algumas atividades promovidas pela Igreja Universal, como cultos diários⁵ e atividades da Associação Beneficente Cristã (ABC), de caráter assistencialista e outras para a capacitação profissional. No que se refere particularmente às orientações da Igreja para as atividades ocupacionais, ainda acompanhei várias atividades voltadas para os pequenos e

médios empresários. Ao término do trabalho de campo havia coletado vinte e quatro depoimentos de adeptos das camadas populares com algum tipo de atividade econômica definida “por conta própria”.⁶

Os pequenos empreendimentos e a fé nos negócios

Os empreendimentos dos fiéis entrevistados são unidades pequenas, geradoras de renda familiar, cujos proprietários trabalham diretamente no dia-a-dia, dispendo de pouco capital. De modo geral, trata-se de uma atividade relativamente estável ao longo de um período. Mais da metade dos trabalhadores por conta própria entrevistados afirmaram exercer a atividade há pelo menos quatro anos,⁷ período até mesmo superior ao tempo de adesão à Igreja Universal. Estes trabalhadores acumulam funções produtivas e administrativas e contam, principalmente, com os membros da família. A renda obtida não só é parte substancial do orçamento familiar, mas, na maioria dos casos (considerando os membros desempregados da família), a única renda existente.

Os depoimentos dos entrevistados permitem observar que já no processo de formação do negócio o núcleo familiar se revela importante. No período inicial do empreendimento, o cônjuge, um irmão e os pais muitas vezes contribuem de forma substantiva para montar e desenvolver o empreendimento, isso pode ser o empréstimo de pequena quantia de dinheiro necessário à compra de matéria-prima, o empréstimo de equipamentos e ferramentas ou, mesmo, no caso das mulheres, assumindo o cuidado dos filhos.⁸ As condições econômicas de muitas famílias tornam necessários os trabalhos das mulheres casadas e com filhos pequenos, especialmente como fonte de renda principal da família. Neste sentido, observa-se uma mediação fundamental da religiosidade e da vida familiar.

Mesmo em casos de famílias com múltiplas filiações religiosas, há a disposição por parte dos que não são da Igreja em ajudar “no que podem”. Entretanto, identifiquei dois casos que envolviam empréstimos de dinheiro, nos quais o fiel recebeu críticas porque usou uma pequena parte do dinheiro para uma “oferta” à Igreja. Em um destes casos, o irmão da entrevistada ficou sabendo, através de sua sobrinha (evangélica), que a mãe visava, com isso, complementar a quantia para a compra do material necessário para fazer o artesanato com flores. A crítica era de que se tratava de uma relação falsa baseada no dinheiro. “*Ele ficou preocupado se eu daria todo o dinheiro para a Igreja, que eu estava sendo enganada*”. Em outro caso, o fiel declarou que o primo “*tentou encher a minha*

cabeça com besteiras, dizendo que se eu estava duro como é que eu ia numa Igreja que pede dinheiro o tempo todo". A solução encontrada por estes dois fiéis foi orarem por estas pessoas: "ele não entendeu que este dinheiro ia ser abençoado e também iria melhorar ainda mais a vida dele; pode até não ser na parte financeira, mas na vida espiritual, para ele ter paz no casamento", afirmou uma entrevistada.

Estes fiéis, nas diferentes atividades religiosas, buscam bênçãos para si e para outras pessoas; para tanto, levam signos associados às pessoas ou às situações que precisam ser mudadas. Birman (2001:69) fala da atividade de bricolagem em que os fiéis buscam novas formas de "conexão", como indivíduo e como grupo, com a "esfera mundana". Concordo com a interpretação da autora de que estes fiéis se tornam "mediadores eficazes" na identificação dos problemas dos outros e buscam obter as bênçãos desejadas para si e para os demais. Desta forma,

longe de ter um sentido amoral para os seus fiéis, [as invenções e rituais da Igreja Universal] ao contrário vinculam o dom a duas coisas: cada pessoa tem "direito", ao fazer um dom, a se integrar numa rede de reciprocidade, obtendo a prosperidade para si mesmo a e para os outros [...] (Birman, 2001:76).

Mas eu acrescentaria a isto que os fiéis reforçam que, no caso de não resolução dos problemas destas pessoas, a falta de fé e a adesão à Igreja são os fatores que impedem a realização das aspirações.

Ademais, a prática religiosa também pode facilitar a associação a qualidades como confiança e honestidade. Em contextos de ajuda financeira ou material isto pode ser um certificado de qualificação moral, servindo-lhes de aval. Uma entrevistada comenta que a prima emprestou a ela uma de suas máquinas de costurar, apesar de não emprestar para outra pessoa da família, porque confiava nela, pois sabia que se danificasse a máquina ela pagaria o conserto, assim como devolveria logo que pudesse comprar a sua.

Ela sabia que eu não ia ficar nas costas dela, que eu estava lutando para ter a minha, que sou muito certa com as minhas coisas. E que não quero ficar dependendo de ninguém. Ela confiou porque vê o meu comportamento, é claro que posso errar porque sou humana, mas oro para ser certa com as minhas coisas. Não adianta eu buscar por Deus e não agir. A gente é o que a gente quer ser, mas nem tudo é espiritual. Tem muita coisa que é carnal. É igual o caso da minha tia, ela conhece a palavra, já viveu muito dentro de uma Igreja evangélica [não é da Universal], já teve várias coisas e essa prima sempre ajudou muito. E ela está levando aquela vida [é agregada na casa da prima]

por quê? Porque ela quer. Ela falou para mim que quer ficar assim! E quando a pessoa quer ficar assim, não tem oração, não tem nada! Pode ter mil pastores que não vai resolver. Pastor não resolve problema nenhum. É você que tem que decidir. (M. V., 57 anos, separada, costureira, membro há treze anos)

Outra característica ligada às ocupações dos entrevistados é a manutenção de mais de uma atividade, com o objetivo aumentar seus rendimentos, ambas na categoria autoemprego. Como a estrutura dos negócios também é simplificada, existe uma grande flexibilidade para mudanças causadas por problemas pessoais ou sazonalidade dos negócios. Se isto é um fator de preocupação “não chega a tirar o sono” de vários destes fiéis, pois acreditam que isto é obra do “Devorador”, personificado no demônio, que se abate sobre aqueles que não aceitam a atitude de derrota e miséria, que “buscam as suas vitórias”.

Eu fiz, durante muito tempo, velas decorativas, mas é um bom negócio só em algumas datas, dia das mães e Natal. Era eu mesma que vendia, não deixava em loja. Não tinha coragem, não acreditam que eu era tão capaz, mas tudo isso é coisa do devorador, que quer que a gente passe por problemas financeiros. Nesta época também fazia lembrancinhas de aniversário e casamentos. Aí o pessoal começou a pergunta se eu fazia decoração de festas, eu nunca tinha feito para os outros, aí eu resolvi fazer [...] comprei umas revistas e fui observando nas festas que eu ia. Aí fiz para minha sobrinha quando ela fez 15. Deu certo, todo mundo gostou, eu até hoje uso as fotos no catálogo que mostro para os clientes. (L., decoradora de festas, separada, membro há dois anos)

A grande maioria dos entrevistados não tem relação com o sistema previdenciário (Previdência Social). Isto vem reforçar a idéia de que a informalidade – entendida aqui como ausência de ligação com o sistema público de seguridade – é crescente no universo pesquisado.⁹ Mesmo aqueles que mantêm vínculo com a Previdência o fazem na condição de autônomos; os demais se encontram vinculados ao sistema previdenciário por motivos outros, como pensionistas, viúvas e aposentadas, ou, até mesmo, como pequenos empregadores.

Uma aposentada e uma pensionista, cujas famílias dependem de seus rendimentos, iniciaram as atividades por dependerem de uma complementação da renda familiar. São conhecidas as dificuldades para a contribuição como autônomos para a Previdência Social, pois muitas vezes envolve “um aperto” no orçamento familiar. Mas esta não é uma preocupação de primeira ordem para a maioria dos entrevistados: muitos, ao longo de sua vida profissional, nunca tiveram acesso à proteção das leis trabalhistas e previdenciárias.

Eu ia trabalhar com sol ou chuva, nunca vi a cor do dinheiro das horas extras, esse negócio de Fundo eu acho que não tive não. O meu filho viu agora e disse que não tenho nada. Já deixei de trabalhar com carteira assinada há mais de 15 anos. (S., 41 anos, casado, pintor e electricista, membro há quatro anos).

Outros entrevistados falam da insatisfação com o trabalho assalariado. A condição de “segurança” proporcionada pela carteira de trabalho, incluindo a estabilidade e a proteção previdenciária, é redefinida, e com isso muitos buscam novos rumos ocupacionais de acordo com os princípios da Igreja Universal.

Eu me desliguei de lá [do supermercado] porque eu já estava um bom tempo trabalhando lá, e eu estava um pouco saturado, aquilo estava começando a andar para trás, tipo, no salário, o prêmio que eles davam estavam querendo tirar, então eu estava me desgostando. Ela [a esposa] nesse churrasquinho, nessas outras coisas que a gente vende juntos: farofa, arroz, molho. Então ela começou a tirar por mês uma base de 3.600 reais por mês, enquanto eu ganhava 277 reais. Aí ela falou: “Filho, sai de lá pra gente trabalhar junto, aqui está dando mais!”. Eu fiquei pensando: “Não, não vou não, lá tem carteira assinada!”, aquela bobeira, né? Depois de um tempo eu falei: “Vou sair fora!”. E saí. Mas naquele tempo, como a gente não tinha a cabeça no lugar, vinha muita coisa na mão, e a gente só gastava. Não podia arrancar um móvel que a gente trocava. Ela! Eu não fazia questão. Arranhava um fogão, uma geladeira, ela trocava. As coisas aqui dentro de casa eram seis meses que ficava aqui dentro. Então eu fui fazendo os cálculos destes oito anos, era mais ou menos uns 800, 900 reais por semana, eu tive fazendo uns cálculos, chegou a uma base de uns 250.000 reais jogados no lixo. Podendo ter economizado... e hoje não está dando... não está dando nem para administrar porque é pouco demais. Se o rendimento dava naquela faixa de 900 ou 800 semanal, agora dá 150. Quando dá 180 é uma glória, é uma bênção grande, mas não passa disso. Quando a gente emenda com esse outro negócio [acompanhamentos do churrasco: arroz, farofa e molho] aí dá mais um pouquinho, entendeu? Mas estamos levando a vida dessa forma, esperando em Deus que ele vá mudar a vida da gente a qualquer momento, de uma hora para a outra. (E., 31 anos, casado, vendedor de churrasquinho, membro há 5 anos).¹⁰

O dinheiro necessário ao início do negócio usualmente provém da renda de trabalhos anteriores, ou da ajuda de um membro da família. De modo geral, utiliza-se uma reserva financeira para os primeiros meses do empreendimento. Várias estratégias foram utilizadas: a mais usual é iniciar com um pequeno investimento e depois reinvestir o lucro no mesmo

empreendimento ou em outro quando não vislumbra o êxito imediato. Dentre os aspectos organizacionais financeiros também se inclui o papel da família que faz o sacrifício no sentido de promover o sucesso do empreendimento.

O terreno aonde a gente construiu a nossa casa é de posse. Quando fiquei desempregado, peguei o dinheiro do Fundo e resolvi fazer a peixaria. Minha mulher queria terminar a obra da casa, visitar a família dela em Goiás – ela veio pra cá pra morar com os tios e as crianças não conheciam os avós. Mas falei com ela: “Temos que garantir o de amanhã”. Lá na gráfica tinham falado que assim que melhorasse me chamariam [trabalhava como motorista], mas não podia ficar esperando cair do céu. Aí resolvemos fazer a peixaria aqui do lado mesmo [...]. Ah, a peixaria foi porque eu vi que aqui perto não tinha nenhuma, não é um negócio de retorno fácil, mas eu já conhecia a Palavra de Deus, pedia a Deus pra minha vida espiritual, meu crescimento. (A., 30 anos, casado, proprietário de uma peixaria, membro há quatro anos)

De modo geral a expectativas quanto a importância dos “negócios”, ressalta uma “estratégia de vida”, compreendida como uma alternativa de superação das condições de vida e em alguns casos subordinada à lógica da reprodução da vida da unidade familiar. Observa-se que a Teologia da Prosperidade, na medida em que valoriza “a boa vida” material, afirma que Deus quer que o pobre lute por uma vida melhor aqui e agora.

Algumas mulheres decidiram iniciar uma atividade “por conta própria”, pela incompatibilidade entre trabalho assalariado diário em tempo integral e trabalho familiar; outras motivadas pelo desemprego do marido. Interessante observar que, nos dois casos, isto ocorre após alguns anos de vida conjugal, após uma decisão sobre quem se apresentaria ou se afastaria do mercado de trabalho, especialmente em função do cuidado com os filhos. Nestes casos, passados alguns anos, é alterada a situação de prioridade da ocupação masculina, levando a uma renegociação dos papéis econômicos.¹¹ “Esse deslocamento de papéis familiares não significa uma nova estrutura, mas responde a princípios estruturais que definem a família entre os pobres, a hierarquia homem/mulher e a diferenciação de papéis sexuais com a divisão de autoridade que a acompanha” (Sarti, 1996: 48).

Nas atividades da Igreja as mulheres são orientadas, tanto nos cultos como nos cursos de capacitação profissional, a valorizarem suas inserções profissionais. A fiel encontra, assim, através de sua prática religiosa, um certo suporte que a ajuda nas suas aspirações por um melhor padrão de vida, passa

confiança e serve como suporte psicológico e estímulo para fazer mais (Mariz, 1994). Com efeito, a adesão das mulheres, sobretudo dos segmentos mais desfavorecidos, pode aumentar a seu poder de autonomia e de responsabilidade (Machado, 1996).

Pode-se, também, ver que a luta pela prosperidade se reveste tanto de um caráter individual quanto familiar, e articula a esfera econômica com outras inserções em processos de redes de ajuda. A melhoria de qualidade dos empreendimentos econômicos depende de suportes econômicos e sociais que requerem ações convergente e complementar de múltiplos atores. Os relatos revelam, por exemplo, o funcionamento da rede de parentesco e, até mesmo, de uma rede religiosa como amparo das famílias em situações de vulnerabilidade econômica.

Eu sempre trabalhei fora, acho importante a mulher ter o seu dinheiro, mesmo que seja um trocado, não precisa ficar pedindo ao marido. Quando eu casei deixei o trabalho na escola em que eu trabalhava na cantina. Eu chegava em casa muito tarde, eu trabalhava à tarde e à noite, e as crianças ficavam sozinhas, minha mãe às vezes vinha e ficava com as crianças. Ainda tentei arrumar outro trabalho porque a gente tinha que pagar aluguel e ele não ganhava muito como trocador de ônibus, mas tive logo o meu primeiro filho e aí não deu. Passamos por um aperto tremendo, mais ia levando, mas quando ele ficou desempregado foi uma luta, aí não teve jeito. Sempre gostei de trabalhos manuais e aí comecei a fazer bijuteria e a fazer crochê para vender. Minha mãe ficava com minha filha para eu sair vendendo, e também vendia na porta da escola onde eu trabalhei. Foi a nossa salvação. (M., 22 anos, casada, artesã de bijuteria, membro há dois anos)¹²

No caso de J., cabeleireira, a inversão de papéis econômicos se afirma mediante uma situação de desemprego prolongado do marido. Certamente, os efeitos do desemprego são diferentes conforme o ciclo de vida da família, a idade dos filhos, a qualidade da relação conjugal, além das possibilidades concretas de o marido voltar ao mercado de trabalho, ou mesmo, como contrapartida, o aumento da participação do homem no trabalho doméstico. Sob este ponto de vista é interessante a interpretação desta entrevistada:

Ele [o marido] era soldador. Mas não foi só soldador, foi laminador, ele já até fez curso de eletricista predial. O que eu vejo é que tem gente que abre a boca e diz assim: “Ah, está ruim para todo mundo!”. Depois que inventou o “tá ruim!” nunca mais ficou bom para ninguém! Não é isso? Eu já não penso assim; eu acho que o tempo, na hora certa Deus vai preparar o melhor para

ele! Você vê que tem cinco anos que ele está desempregado e a gente com luta, a gente nunca passou falta de nada! Até aperta, mas Deus não deixa faltar! Pra quê? Para que o nome Dele seja glorificado! Para as outras pessoas que não são cristãos, pode até acontecer. A pessoa abre a boca e diz assim: “Qual é? Vocês não são cristãos? Se você é evangélico não pode passar por luta”. Mas a gente tem que passar por luta! Para o nome Dele ser glorificado. Porque se a gente não passar por luta, como você vai ver a diferença? Agora ele está tendo a sabedoria de esperar! Antes ele estava revoltado. Ia para pagode... bebia... fumava. Enquanto isso ele me ajuda bastante, faz tudo dentro de casa. Eu só cozinho no domingo. (J., 51 anos, casada, cabeleireira, membro há 17 anos)

Convertida há dezessete anos, esta entrevistada nunca enfrentou resistências do marido, que não é evangélico, à sua filiação religiosa. Mas ele passou a valorizar a frequência dela no sentido de reverter a sua situação de desemprego. Apesar de sempre ter ajudado em casa quando estava de folga do trabalho, no momento em que ficou desempregado intensificou o trabalho doméstico. A fiel afirma que é imprescindível o trabalho que ele realiza, pois se antes ela fazia apenas o serviço de cabeleireira, passou a ser manicura e depiladora na tentativa de aumentar a renda. A renda familiar ficou escassa tanto pelo desemprego quanto pela redução da procura no salão, o que a entrevistada refere como apenas uma situação que poderá ser revertida a qualquer momento. E, como não bastasse o desemprego do marido, afirma que os dois filhos (filhos da Igreja Batista, um também frequenta a Igreja Universal), universitários há um ano, estão procurando emprego para ajudar e até mesmo para darem continuidade aos estudos, pois, apesar de estudarem em universidade pública, houve dias em que quase deixaram de ir às aulas por falta de dinheiro para a passagem; esta situação se reverteu quando uma cliente apareceu e quitou uma dívida antiga. Mas, com a situação cada vez mais difícil, ela produziu outra alternativa: passou a atender clientes a domicílio.

Interessante como, diante de tais problemas financeiros, ela considera que a aprovação dos filhos para uma universidade pública (cursos de Serviço Social e Arquivologia) é prova das grandes bênçãos que podem acontecer, uma vez que eles sempre estudaram em escolas públicas e não fizeram cursos preparatórios para o vestibular. Esta entrevistada, que possui o primeiro grau incompleto, apesar de, por um lado, advogar a relevância do conhecimento “prático” sobre o “teórico” adquirido com a própria vida, concomitantemente manifesta a valorização da formação superior dos filhos. Isto parece indicar

que o significado do título superior transcende sua utilidade meramente econômica.¹³

Como assinalai antes, há uma resposta plausível para lidar com a situação difícil do presente. Mais uma vez o diabo é acionado como grande responsável pelas doenças e mazelas sociais. Em determinada ocasião, a fiel teve problemas de saúde (tendinite e erisipela), fechou o seu salão de cabeleireiro, localizado nos fundos de sua casa, e procurou um médico, pois os pastores costumam explicar que toda doença é causada por espíritos malignos e pode ser combatida com a expulsão do mal, sendo o medicamento um meio de combate que tem a sua eficácia mediada pela fé. Assim, passou a buscar a cura através da oração, apresentando os exames e receitas médicas em momentos de oração em casa, assistindo à programação da Igreja pela televisão e pelo rádio. Na sua visão, a expulsão do mal se confirmou quando recebeu a visita de obreiras da Igreja, que comentaram com o pastor sobre sua ausência, mesmo não sabendo do motivo, e este as orientou para irem até à casa da entrevistada. Cabe destacar que, apesar de a Igreja tentar controlar este tipo de prática religiosa para além dos seus templos, os obreiros, de terem o “poder espiritual”, e como nos lembra Birman (2000: 65) “promoverem elos entre os seus e a esfera divina e entre si e o mundo”, são freqüentemente monitorados em trabalhos de visitas e evangelização para que evitem fazer exorcismo em situações em que o pastor não esteja presente; a orientação é para que estas pessoas sejam encaminhadas à Igreja, o que nem sempre acontece de acordo com os entrevistados.

Destacando a articulação das redes de auto-ajuda, esta entrevistada fala que as obreiras notaram sua ausência porque ela sempre participou de diferentes atividades da Igreja (cultos, trabalho social, encontros, etc.) e, mais ainda, se surpreenderam ao verificar que ela estava passando por dificuldades materiais, algo que não consideravam, já que sempre foi dizimista e participava de outras práticas religiosas que envolviam dinheiro. Ao relatarem a sua situação para o pastor, este providenciou uma cesta básica para ser entregue à família. Neste sentido, parece que está mudando a relação da Igreja com seus membros mais ativos. Mariano (1996: 66) afirma que esta denominação “é contrária à prática assistencial entre os membros da igreja. Apesar de boa parte deles vez ou outra necessitar da solidariedade dos irmãos, a assistência social da igreja normalmente é restrita aos de fora, aos perdidos ou não libertos dos demônios responsáveis pela miséria”, mas pude verificar que alguns entrevistados freqüentemente se beneficiaram destas redes de ajuda para si e para outros.

Isto nos faz pensar nas implicações que o caso desta fiel pode ter em relação à eficácia que a Igreja promete aos seus adeptos, no sentido de não “ficarem com o prato na mão”. Mas, como destaquei em outros momentos, a resposta possível é que se trata de uma luta permanente, daí o dever do fiel cada vez mais intensificar a sua fé participando das atividades da Igreja.

Muitas falas apontam como estas pessoas conseguem equacionar os possíveis conflitos familiares e carências materiais. Mesmo frente à adversidade se consegue, de cada um dos membros, a participação necessária para a sua continuidade, o que se fortalece mediante a conversão religiosa. Se, por um lado, desestabiliza-se o modelo de chefe provedor (Zaluar, 1985), por outro, exige-se do homem um comportamento baseado numa vida regrada de modo a não desequilibrar o orçamento doméstico com gastos dispendiosos, com lazer e bebida. Este novo comportamento se insere no contexto de “ser cristão”, com novos valores e regras morais, bem como comportamentos que expressam uma nova forma de vida.

A., outro entrevistado que trabalhou numa oficina de automóveis, relaciona sua mudança de comportamento após a adesão religiosa com uma transformação ética: substituiu seu comportamento descompromissado pela adesão maior aos papéis de pai e marido, dois papéis que lhe demandam responsabilidade diante dos outros. Mudou de uma postura de gozo e usufruto diante da vida para outra mais ponderada e produtiva. Enfim, de um comportamento de agressão passou a perceber-se como parceiro na relação conjugal, ampliando o seu envolvimento na criação dos filhos e sentindo-se estimulado a trabalhar por conta própria, pois estava desempregado e a mulher já vinha tendo sucesso nesta forma de trabalho.

A minha mulher ia à Igreja e eu fui por causa de um caso que eu passei com ela. A gente brigava muito, eu passei a bater muito nela. Eu bebia muito e chegava em casa de cabeça cheia e queria descontar nela e na família. Depois que eu brigava com ela eu saía pela rua desatinado. Teve uma vez que eu saí pela rua querendo me matar. Aí encontrei um vizinho que é obreiro da Igreja. Ele me abraçou, era meu amigo, mandou eu tomar um banho, falou que ia descer e estava me esperando, aí eu fiz o que ele falou e entreguei a minha vida na mão de Deus. Então naquela noite mesmo, durante a oração, eu senti algo dentro de mim, remoendo, um desejo de aceitar Jesus, e aceitei ali mesmo. Dali, nunca mais saí! Graças a Deus! Minha vida se transformou, eu estava sem trabalhar nessa época e só fazia coisa errada, não pensava que isso ia fazer falta à minha família. Depois que eu comecei a ver que não podia ficar

de braço cruzado, tinha que agir. Minha mulher batalhava vendendo calcinha e sutiã e isso que estava mantendo a casa. Aí vi que tinha que começar com qualquer coisa. Aí fazia uns bicos, qualquer coisa que pintasse, capinava, tomava conta de carro à noite na rua perto da faculdade. (J., 39 anos, proprietário de um auto lanche, membro há dez anos)

Durante os cultos e eventos da Igreja Universal, assim como na sua mídia, nota-se que a clássica oposição no relacionamento homem/mulher, mesmo que tenso e ambíguo, estaria, de certo modo, convertendo-se em potencial relação de complementaridade, ao procurar-se atenuar conflitos, rivalidades e competições entre os gêneros.¹⁴

Os diferentes significados atribuídos pelos entrevistados ao tipo de ocupação que exercem não são, necessariamente, excludentes, podendo também representar simplesmente uma fonte de aumento de renda, a liberação do patrão e/ou a vantagem de trabalhar em casa, sintoma de dificuldade de inserção profissional, ou porque consideram fechadas as formas de trabalho como empregados, ou simplesmente o desejo de independência financeira.

Você não vai ficar toda a sua vida dando, porque senão a pessoa não vai se mexer nunca. Eu tive que parar porque eu não tinha ninguém para olhar as crianças. Agora eu saio e deixo ele [9 anos] com ela [12 anos]. Passo ordem. “Você já está crescida, olha o seu irmão. Você obedece a sua irmã porque quando mamãe não está em casa é ela quem manda”. Agora no momento eu faço salgado e bolo e vendo para os funcionários da Ultratec, uma empresa que constrói plataformas para a Petrobrás. Eu e minha irmã [membro da Igreja Universal] compramos uma carroça para vender na rua, mas quando eu comecei com o tratamento do meu filho [fisioterapia respiratória] eu falei para minha irmã que não dava para botar barraca, porque eu ia para Niterói às segundas, quartas e sextas. Mas a minha vizinha aqui muita gente fala mal dela. Mas eu digo: “Enquanto ela não. [...] Minha mãe sempre trabalhou e a gente ficava com a minha avó, mas o pouco tempo que ela ficava em casa a gente sempre aprendia, ela procurava mostrar, e com uma receita quem é que não aprende. Eu acho que foi a minha vizinha que me emprestou o dinheiro para eu fazer a primeira vez. Eu falei: “Logo assim que entrar o dinheiro eu te pago”. Aí quando eu fui pagar ela disse: “H., deixa de ser boba, deixa esse dinheiro para lá”. Eles [os clientes] pagam por quinzena. Minha filha [referindo-se à pesquisadora], dá para tirar bem, eu tiro uma média de 20 a 30 reais por dia, por semana dá 100, o mês tem 4 semanas, de segunda à sexta, dá uns 400 reais. Quer dizer, eu faço estas coisas em casa e meu serviço de casa. (H., 39 anos, casada, faz doces e salgados, membro há nove anos)

O marido de H. é um serralheiro, que de ajudante de um tio passou a receber comissão por obra realizada; após a aposentadoria do tio, ficou responsável, junto com o primo, pela firma. “O negócio não foi à frente por falta de responsabilidade do primo que não cumpria com os prazos de entrega e pagamento”. Posteriormente, alugou uma outra loja onde montou uma serralharia de alumínio. Apesar de não ser evangélico (“é católico, né?”), nunca fez oposição à frequência diária da mulher à Igreja, inclusive apoiava a postura da mulher quando fazia compras no supermercado, tirava o “dízimo” em mercadorias como suco de uva e copos descartáveis para serem usados durante a Santa Ceia, no último domingo do mês. A entrevistada afirma que o marido sempre escutou as suas orientações quanto à direção dos negócios. Neste caso, H. busca pela prosperidade do negócio do marido, como também é o fio condutor das mensagens de estímulo difundidas pela Igreja. A entrevistada diz que o marido teve medo de abrir o próprio negócio. Interessante observar que desafiar o medo e superar a insegurança inicial de se montar um negócio são fatores que consolidam a idéia já apontada antes, de como a Igreja utiliza elementos que buscam construir e reforçar a auto-estima dos fiéis.

Mediante a situação de dificuldade de reinserção profissional, alguns entrevistados demitidos foram levados a se inserirem no mercado em outras áreas, tendo desenvolvido novas habilidades e qualificações. A insegurança diante de um contexto caracterizado como precário e instável é amenizada pelo estímulo encontrado nas preleções da Igreja. O fiel busca a vontade divina para o direcionamento da vida profissional como guia nas decisões e atitudes que se toma. Daí não se desesperar e sim exigir de Deus as bênçãos, reconhecendo que há um plano para suprir as suas necessidades materiais e trazer-lhe realização pessoal. Quero indicar, mais uma vez aqui, que é a partir destas orientações e da prática religiosa que o fiel é constantemente levado a maximizar os seus esforços.

Todavia, o que é expressivo é o fato da grande maioria dos entrevistados aponta como uma das motivações o fato de “não ter patrão/ser dono do próprio negócio”. A Igreja Universal parece ter oferecido a estes fiéis certo estímulo na direção do auto-emprego. Quaisquer que sejam os sentidos dessas práticas, elas parecem enfatizar a idéia de que estas atividades laborais são um dos veículos que Deus possibilita ao fiel para atingir uma melhor condição de vida, a possibilidade de “desfrutar do suor do próprio trabalho.”

Acho que a gente tem que ter o próprio negócio, parar de depender dos outros, e quando eu trabalhava como empregado eu sempre procurei fazer o

melhor e sempre tomei na cabeça. Aí eu falei: “Não vou mais trabalhar para ninguém”. E eu sempre gostei de lavar carro, fui funcionário também da Igreja Universal ali da Abolição, eu quando trabalhava lá eu sempre lavava os carros dos pastores e eu sempre gostei de lavar carros, eu lavava o carro do meu pai, lavava os carros dos pastores, então eu sempre gostei disso. Então quando eu fiquei desempregado o dinheiro que eu recebi, eu falei: “Eu não vou gastar o dinheiro, vou investir em alguma coisa que eu queira fazer. Não vou trabalhar mais para ninguém”. E passei a andar de ônibus para ver as coisas e comecei a ver muitos lava-jatos abertos. As pessoas abrindo na porta de casa lava-jato. Aí eu falei assim: “Sei lavar carro, sei trabalhar, é isso que eu vou fazer”. Comprei o material e comecei a trabalhar. Foi na cara e na coragem. Até os familiares daqui de casa foram contra mim. Ninguém acreditou que daria certo. Hoje está aí há nove anos. Mas ninguém resistiu, só que eles achavam que não daria certo, que eu ia gastar o meu dinheiro em vão, eu ia fazer um investimento errado, até a minha esposa foi contra. Hoje está aí. (A., 32 anos, casado, proprietário de um lava-jato, membro há dezenove anos)

Portanto, a atividade por conta própria, ao ser estimulada pela Igreja como um meio de realização do sonho de uma vida melhor parece favorecer a busca racional do ganho econômico, através do auto-emprego, proporcionando meios para um ajustamento às escassas condições econômicas vividas por estes fiéis.

Crenças religiosas, aspirações e perspectivas ocupacionais

Ao examinar o significado que os entrevistados atribuem às perspectivas ocupacionais futuras, percebe-se que estas se vinculam às idéias de ascensão e, portanto, a mudança e transformação de uma lógica da reprodução da vida da unidade familiar. Para estes fiéis é possível a “libertação” tanto a pobreza como tudo aquilo que possa se constituir em empecilhos para a realização dos seus sonhos e aspirações ocupacionais. Para tanto, buscam constantemente a “acumulação de fé [que] pode ser traduzida como acumulação de capital social e moral, conversível em diferentes atributos positivos, entre eles a riqueza econômica” (Birman, 2001: 78). Isto, como já apontei, é constitutivo da noção de “prosperidade”, fundamental na prática da Igreja Universal. Com estes valores os fiéis afirmam ter uma força, que lhes dá a certeza de que podem mudar as circunstâncias da vida, isto porque Deus não os desampará em nenhum momento, desde que sigam as orientações dadas pelos ensinamentos religiosos da Igreja Universal.

Em vários momentos das entrevistas os fiéis falaram sobre o quanto suas vidas mudaram após a adesão à Igreja Universal, tanto “mudanças interiores” como das demais circunstâncias da vida. Na esfera profissional reportam-se ao alcance da força de vontade para fazer as coisas, a tranquilidade para enfrentar os problemas do trabalho, desemprego, abertura de nova atividade, etc. Daí decorre que nunca devem negligenciar as bênçãos alcançadas até o momento, devendo sim acentuar tudo o que conseguiram, pois desta forma acreditam que os seus sonhos serão realizados.

As pregações e promessas da Igreja, ao enfatizarem as realizações das aspirações dos fiéis, acabam por promover “sonhos-acordados”. A categoria “sonhar-acordado”, sugerida por Campbell (2001), remete aos desejos imaginados pelos fiéis que podem ser acionados durante as práticas rituais da Igreja, possibilitando, através dos meios mágico-religiosos, se tornarem reais. Isso pode ocasionar uma elaboração imaginativa, em uma direção prazerosa relativa a um evento real, esperado ou por vir. O “sonhar-acordado” envolve a introdução do princípio da busca pelo prazer dentro do processo normal da expectativa imaginativa ou a especulação sobre o futuro. Entretanto, os fiéis “entram numa batalha espiritual, sabem que, apesar da crença na prosperidade, o diabo pode intervir na realização dos seus desejos, pois “faz parte da ordem natural das coisas ser atingido por malefícios e combatê-los. Isto quer dizer que estes seres maléficis [...] pertencem, digamos, à ordem do mundo, e nesta medida, fazem parte da natureza das coisas” (Birman, 1998: 67). Por isto, cabe ao fiel fortalecer o elo com Deus, para que as suas aspirações se concretizem; agindo assim poderá, a qualquer momento, receber algo novo e infinitamente maior. Este é o ponto de partida capaz de acionar novos “sonhos-acordados”.¹⁵

Certamente, as aspirações destes fiéis em relação às perspectivas e concretização dos anseios profissionais são diversificadas, e nem sempre explicitadas de maneira clara e nítida, levando-nos sempre a dimensões complexas e fluídas. A experiência dos fiéis em relação ao que a Igreja pode proporcionar na realização de suas aspirações nunca é a mesma, logo as crenças e práticas mágico-religiosas podem acionar “sonhos-acordados” diferentes em cada fiel.

Com efeito, para muitos é recorrente a idéia de que “as coisas estão se encaminhando”, apesar de acreditarem em situações melhores, estas talvez demorem um pouco mais do que desejam, mesmo considerando a possibilidade de concretização por meio do poder de Deus, porque podem ocorrer influências maléficis neste processo, distanciando-os das bênçãos a que têm direito. Daí terem que se firmar na fé e nunca duvidarem que “se hoje está assim e já está bom, amanhã será melhor”.

Interessante observar que três mulheres atribuem as bênçãos maiores na vida profissional não apenas a seus esforços e dedicação, mas também à transformação moral dos maridos e filhos a partir da conversão. Destacam que isto estabelecerá uma maior ligação com as aspirações de “prosperidade”, imbuídos em contribuir financeiramente ou na execução das tarefas referentes aos negócios. Observa-se que a família, como já exposto anteriormente, é uma das referências a partir da quais estes fiéis constroem os seus sonhos ocupacionais, assim como um dos sustentáculos que, juntamente com a religião, os apóiam na tentativa de concretização dos anseios de empreendedorismo.

É oportuno destacar que os fiéis, de forma quase unânime, manifestaram que as oportunidades de maiores ganhos, autonomia nas direções dos negócios, a flexibilidade da carga horária (o que pode exprimir um sentimento de independência e poder de decisão) levam à opção de continuarem nas atividades em que se encontram. Todos se colocaram contrários à possibilidade de retornar aos antigos cargos e atividades nas condições anteriores de trabalho assalariado, com baixos rendimentos. Alguns mencionam que mesmo se quisessem retornar, talvez encontrassem dificuldades, dada às exigências que são feitas para determinados cargos; alguns dizem que “às vezes eles pedem coisas que não tem nada a ver com o trabalho”. Muitos falam das decepções que tiveram quando executavam outras ocupações, e como isto influencia suas expectativas futuras como trabalhadores “por conta própria”. Estas expectativas são elaboradas por meio de sonhos e estratégias que visam realizá-las. E aqui cabe ressaltar que as lideranças religiosas orientam os que desejam retornar ou se inserirem como empregados no mercado de trabalho formal, para que se qualifiquem profissionalmente na tentativa de se inserirem nos empregos pretendidos. Enfatizam que, mesmo que entrem como “cauda”, devem determinar que chegarão a “cabeça”. Convém apreciar que a Igreja, neste sentido, tem oferecido tanto um curso cujo conhecimento se refere às técnicas de execução do trabalho voltados às ocupações manuais, como também sobre gestão de negócios, inclusive vinculado a instituições de ensino superior.

De modo geral, os fiéis têm o desejo de dar continuidade as negócios que desenvolvem, desde que tenham maior autonomia na gestão do empreendimento. Esta autonomia encontra-se associada ao controle da atividade com possibilidade de organizar o tempo e o ritmo do trabalho, bem como à obtenção de maiores ganhos. Os riscos associados a estas novas atividades, tendem a ser atenuados pela idéia de “uma interferência contínua de Deus na ordem do mundo, através do vínculo que possui com os fiéis” (Birman, 2001: 69). Neste sentido, a Igreja Universal busca dar segurança através de seus vários rituais “oferecidos” diariamente nos vários templos.

Considerações finais

Observa-se nos relatos dos fiéis que não basta terem a certeza da salvação na vida eterna; buscam o fim do sofrimento, da frustração, da angústia, da falta de sentido para a vida, que consideram fundamentais à realização dos seus sonhos. Isto os predispõe a terem a certeza do fim dos problemas que os afligem e de que alcançarão uma condição econômica e social favorável e estável através de “muito trabalho” e compromisso com Deus. Se torna difícil afirmar que estes desejos de ascensão econômica e social, ou os atos concretos em busca da ascensão social, decorrem da adesão às suas crenças religiosas, não se deve desconsiderar, entretanto, a influência da Teologia da Prosperidade em suas condutas. Dessa forma, pode-se dizer que estes fiéis melhoraram a auto-estima e a autoconfiança, encontrando estímulo e entusiasmo para continuar se esforçando, apesar de todas as adversidades: recessão econômica, desemprego, baixos rendimentos, baixa escolaridade, concorrência, instabilidade nos negócios, etc. Neste sentido, adotam uma concepção de trabalho que não só os leva a assumir responsabilidades sobre os fatos fora do seu controle, como também, a abominar a rotina e ousar assumindo determinados riscos (Senett, 1999: 25). Em uma perspectiva instrumental, a Igreja Universal tem estabelecido estratégias voltadas, por exemplo, à gestão de cursos sobre empreendedorismo, qualificação profissional, atividades de geração de renda, numa tentativa de oferecer respostas efetivas às demandas dos seus fiéis. Observa-se que a Igreja Universal parece conseguir mobilizar e estimular estes adeptos para o auto-emprego e a empresarialidade, proporcionando meios para o ajustamento às condições econômicas vivenciadas pelos segmentos mais empobrecidos da sociedade, que vivem em condições de trabalho em constantes mudanças, “como empresário de si mesmo”.

Notas

¹ Buscando mapear a composição social da Igreja Universal, foram levantados alguns dados junto ao Censo Demográfico 2000 que me possibilitaram uma caracterização do perfil sócio-econômico dos fiéis. A Igreja Universal conta, nacionalmente, com 2 milhões de adeptos, no Estado do Rio de Janeiro, com 350 mil e destes, 289.000 com idade de 15 anos ou mais, e 86,5% dos seus fiéis encontram-se na região metropolitana do Rio de Janeiro.

² Segundo Sahlins (1979), a instrumentalidade da produção material é orientada pelo campo simbólico. A lógica social da produção e as representações do ser social não são determinadas pela lógica instrumental do trabalho; o fundamento que orienta e encaminha a sua utilidade

material é de natureza simbólica. A lógica utilitária encobre os esquemas de “prestação social”, embutida numa moral que elege o trabalho como um instrumento de avaliação dos indivíduos e dos grupos sociais. Esta avaliação se pauta numa “moral do esforço, do fazer e do mérito” que servirá como parâmetro mediador para inclusão dos indivíduos no grupo social.

³ O trabalho de campo foi desenvolvido durante aproximadamente quatro anos (2000 a 2003) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁴ Sobre a hierarquia do clero iurdiano ver Mariano (2003).

⁵ A igreja possui diferentes cultos e serviços religiosos como: “reuniões dos empresários e da prosperidade; “correntes” para solucionar problemas de saúde, família, amores e libertação.

⁶ Entende-se por trabalhador “por conta própria” aquele que não tem vínculo empregatício como empregado, nem como empregador (Prandi, 1978).

⁷ Cabe destacar que o trabalho “por conta própria” é apontado por vários estudiosos com uma categoria internamente diferenciada; os diversos autores (Prandi, 1978; Machado da Silva, 1971; Cacciamali, 2000) identificam distintas situações na atividade “por conta própria”, nos modos como se incorporam no mercado autônomo de trabalho e nos níveis de renda dos trabalhadores. Além disso, estes autores também focalizam os processos de transferência para o trabalho “por conta própria”.

⁸ Situando outras características dos entrevistados, verifica-se que a maior parte está casada ou vive com o cônjuge. Os demais são solteiros, separados ou divorciados, ou viúvos. Indagando-se sobre quem sustenta a família, verifica-se que a metade dos entrevistados são chefes provedores, seguindo as situações em que há uma participação familiar, seja partilhada pelo casal ou pelo entrevistado com outros parentes.

⁹ Tal concepção se baseia em Cacciamali (2000, p. 163), que define o *processo de informalidade* como “um processo de mudanças estruturais em andamento na sociedade e na economia que incide na redefinição das relações de produção, das normas de inserção dos trabalhadores na produção, dos processos de trabalho e de instituições”. A autora caracteriza o processo de informalidade como representado por duas categorias de trabalhadores: os assalariados sem registro e os trabalhadores “por conta própria”.

¹⁰ O seu ponto de venda fica em uma das vielas na favela onde mora. Após desligar o gravador o entrevistado me afirmou que as vendas diminuíram por causa da repressão policial na favela em função do tráfico de drogas.

¹¹ Vários estudos, realizados nas últimas décadas, têm apontado as mudanças nas relações entre homens e mulheres quando se discorre sobre família. Consideram que as mulheres ao ingressarem no mercado de trabalho, ao ocuparem outros espaços públicos e exercerem com maior liberdade sua sexualidade acabaram, de certa forma, por alterar arranjos domésticos e de gênero. O fato de, ao longo das últimas décadas, terem alcançado vários direitos, não diminuiu, porém, as desigualdades entre homens e mulheres com relação às oportunidades de trabalho.

¹² O fato de muitas mulheres associarem o afastamento do trabalho em função dos cuidados dos filhos sugere que elas avaliam de forma positiva o trabalho fora de casa (Machado, 1994, p. 142), o que pode impulsionar o desejo de desenvolver uma atividade por conta própria em que administre melhor o tempo do seu trabalho extradoméstico.

¹³ A escolarização é um valor prezado pelos entrevistados enquanto compromisso e obrigação moral. No entanto, a maioria dos entrevistados que desenvolvem atividade “por conta própria” não têm como custear os estudos dos filhos em uma faculdade, sobretudo se esta for privada.

¹⁴ Sobre adesão religiosa pentecostal e relações familiares ver, especialmente, Machado (1994).

¹⁵ Campbell (2001) sugere que o ato de “sonhar-acordado” possui uma dimensão que não se encontra no ato genuíno de fantasiar, isto é, uma excitação que surge quando o prazer previsto se aproxima. Ao “sonhar-acordado” é possível ter um desejo duplo: o desejo produzido pela imaginação e aquele associado à contemplação de sua realização.

Referências

BIRMAN, Patrícia. Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

_____. Conexões Políticas e Bricolagens Religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, P. (Org). *Fiéis e Cidadãos: Percurso de Sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

CAMPBELL, Colin. *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FRESTON, Paul. The Political Evolution of Brazilian Pentecostalism: 1986-2000. In: CORTEN, Andre e MARY, Andre (orgs). *Imaginaires Politiques et Pentecôtisme: Afrique et Amérique*. Paris: Karthala, 2000.

_____. *Protestantes e Política no Brasil: Da constituinte ao Impeachment*. Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGCS/IFCH/UNICAMP, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

JACOBSEN, Kjeld. et al. (orgs.). *Mapa do Trabalho Informal*. Perfil Socioeconômico dos trabalhadores Informais na Cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS/Autores Associados, 1996.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *Mercados Metropolitanos de Trabalho Manual e Marginalidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) PPGAS/MN/ UFRJ, Rio de Janeiro: 1971.

MARIANO, Ricardo. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Igreja Universal do Reino de Deus e a magia institucionalizada. *Revista da USP*, n.31, p.120-131, 1996 a.

_____. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos do CEBRAP*, n.44, p.24-44, 1996b.

_____. *Neopentecostalismo*. Os pentecostais estão mudando. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS/USP. São Paulo, 1995.

MARIZ, Cecília Loreto. *Coping with poverty*. Pentecostals Churches and Christian base communities in Brazil. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

_____. Religion as culture strategy of the Urban Poor in Latin America. In: *Rethinking Poverty Comparative Perspective from Below*. The Netherlands: Van Goruim & Assen, 2000.

PRANDI, José Reginaldo. *O trabalhador por conta própria sob o Capital*. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

SARTI, Cyntia Andersen. *A família como espelho*. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SHALINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*: as organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.